O excêntrico novelo de barbante andarilho

The wayfaring ball of string

Leonardo Rodrigues Martins[1]

Resumo

Este texto integra a compostagem criativa desenvolvida na disciplina "Reescrituras cênicas e a crítica da violência ética em contar-se a si mesmo", do Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena da ECO/UFRJ (PPGAC). Inspirada pela **Teoria da bolsa de ficção**, de Ursula K. Le Guin, e pelas proposições de Donna Haraway sobre fabulação e compostagem de narrativas, a escrita propõe uma ficção em primeira pessoa narrada por um novelo de barbante em travessia. Ao acompanhar as transformações materiais e simbólicas desse barbante, do algodão no sertão às mãos que o manipulam, o texto constrói uma narrativa que se alimenta de encontros com objetos, memórias e gestos cotidianos, compondo uma ecologia de histórias entrelaçadas. A fabulação assume a falha, a fragmentação e a escuta como procedimentos narrativos, aproximando-se das discussões de Judith Butler sobre opacidade do sujeito, de Jack Halberstam sobre o fracasso como potência criativa e de Diana Taylor sobre memória performativa. Ao final, o barbante torna-se metáfora de uma narrativa coletiva em contínua transformação, sugerindo que as histórias não pertencem a um único narrador, mas se tecem no encontro entre vozes, matérias e experiências compartilhadas.

Palavras-chave: Fabulação especulativa; Memória performativa; Compostagem; Escuta sensível; Andarilhar.

Abstract

This text is part of the creative composting developed in the course *Scenic rewritings and the critique of ethical violence in telling oneself*, offered in the Graduate Program in Performing Arts at ECO/UFRJ (PPGAC). Inspired by Ursula K. Le Guin's **Carrier bag theory of fiction** and by Donna Haraway's proposals on fabulation and narrative composting, the work presents a fictional narrative told in the first person by a wandering ball of string. Following the material and symbolic transformations of this thread, from cotton fields in the Brazilian Northeastern backlands to the many hands that handle and reshape it, the text weaves encounters with objects, memories, and everyday gestures into a fabric of interlaced stories. The narrative embraces fragmentation, failure, and attentive listening as

[1] Doutorando em Artes da Cena pelo Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGAC/ECO-UFRJ), mestre em Ensino das Artes Cênicas pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio), licenciado em Teatro e em Artes Visuais. Atua como professor de Arte, ator e desenvolve pesquisas sobre processos formativos do ator, memória, narrativas e deslocamentos nas artes da cena. E-mail: rodrigues.euleo@gmail.com.

creative procedures, resonating with Judith Butler's reflections on the opacity of the self, Jack Halberstam's notion of failure as a creative force, and Diana Taylor's concept of performative memory. In the end, the thread becomes a metaphor for a collective narrative in continuous transformation, suggesting that stories do not belong to a single narrator but are woven through encounters among voices, materials, and shared experiences.

Keywords: Speculative fabulation; Performative memory; Composting; Attentive listening; An itinerant thread.

Este texto começa por um fio, um novelo de barbante que atravessa mãos, tempos e espaços, acumulando marcas e tensões. Ao escolher essa forma de narrador, de Contador de histórias que sou, a escrita deslocou o centro da cena e permitiu que a matéria falasse do que me toca, do que me sustenta, do que se perdeu. Não se trata de contar uma história exemplar, mas de acompanhar um percurso que se transforma a cada encontro. A fabulação aqui se constrói por acúmulo, por compostagem, como quem carrega coisas numa bolsa que nunca se fecha completamente, numa imagem que dialoga com a proposta de Ursula K. Le Guin, onde narrar é recolher, guardar, misturar. Também se aproxima das ideias de Donna Haraway, para quem contar histórias é compor mundos possíveis a partir do contato, da contaminação e do cuidado. Também cria relações conceituais com Judith Butler, Jack Halberstam, Paul Preciato e Diana Taylor, e outros autores corroborando que nada se apresenta como origem ou destino, tudo está em processo.

Ao atravessar cenas, escolas, estradas e objetos, o novelo de barbante andarilho não representa a travessia, ele a executa. A escrita, que aqui é cena, se comporta como matéria em movimento, próxima da cena expandida, onde texto, gesto e memória se entrelaçam. O que se oferece ao leitor, ou a quem me veja em cena, não é um fechamento, mas uma continuidade de um fio que segue, mesmo quando parece imóvel. O texto utilizará a técnica de fabulação especulativa, na qual se mistura história pessoal com os conceitos teóricos citados nas referências, não diretas, mas sempre como um sopro que passa pelo texto sem perder o referencial. Então como diria uma velha bruxa do mar, escolhendo seu cabo de vassoura, oriunda do repertório das minhas memórias bobas de infância, "e lá vamos nós".

* * * * *

Eu nasci e então me vi que era uma planta, e antes de ser novelo, antes de virar barbante, antes de conhecer as mãos humanas, mãos sempre manipulam barbantes, fui flor branca de algodão, nascida ao sol forte do sertão do Ceará. O vento soprava sobre mim com uma secura antiga, onde as cigarras marcavam o tempo das manhãs e a terra rachada falava baixo, e então eu crescia assim, sem saber que minhas fibras já guardavam futuros deslocamentos, como um destino. Os campos se abriam claros, quase brancos, e diziam que dali saíam riquezas, que o algodão já sustentara cidades, que caminhara até portos distantes. Eu não sabia dessas histórias, por que eu apenas existia, pendurado no pé, exposto ao sol, ao pó, ao tempo. Os campos de algodão se estendiam como um mar claro, um tapete branco de Oxalá, e mesmo assim eu sentia solidão. Mas digo novamente, eu não sabia de nada disso. Eu apenas existia, crescendo ao ritmo do sol e sentindo o vento, pensava, se esse vento pode me levar para outras terras? De onde ele vem? Para onde ele vai? Minha curiosidade.

O tempo não era do relógio, era o tempo da espera e algodão não nasce para a pressa, ele cresce ao ritmo do sol que castiga e da água que falta. As mãos sabiam disso, e voltavam sempre, não para arrancar, mas para observar se já era o momento. O vento atravessava tudo sem pedir licença, e eu crescia sabendo que um dia sairia dali, mas sem saber quando.

O algodão conheceu no Ceará um tempo de centralidade no século XIX, onde suas fibras responderam ao apetite distante da Revolução Industrial inglesa, atravessando o sertão até o mar e reorganizando a economia da província. Mas esse ciclo não se sustentou: antes mesmo da grande seca de 1877/79, o algodão já dava sinais de esgotamento, deixando para trás um rastro de dependência e abandono. Muito depois, nas décadas de 1980 e 1990, a planta ainda ensaiou um retorno, breve e intenso, logo interrompido pelo avanço do bicudo, um inseto devorador de plantações, e por novas engrenagens econômicas. Quando o ciclo enfraqueceu, ficaram os rastros dos campos abandonados, saberes de plantio, mãos que ainda sabiam fiar, e então a planta se retirou do centro, mas permaneceu como memória material de um tempo em que a terra e o trabalho se enredavam num mesmo fio.

Até que vieram as mãos que não perguntaram nada. E mãos perguntam? Não, fazem. Falaram pela forma como me tocaram, eram mãos secas, firmes, calejadas de sol, mãos de mulher, de menino, mãos de velhos, de homens, algumas mãos firmes, outras

leves por demais. Fui arrancado do pé e senti o mundo mudar: de planta, tornei-me objeto, um tufo. Já não era antes? Não sei. Só sei que de planta, virei matéria, e de matéria, virei futuro.

Fui levado junto a outros, num balaio de junco que rangia, onde a estrada tremia, enquanto o vento atravessava tudo, e vozes falavam de seca, de trabalho, de espera. Na carroça rangente, o vento do sertão batia no rosto das pessoas e no meu corpo de algodão, onde cada curva da estrada era um prenúncio de transformação. Ouvi conversas baixas que falavam de tempos difíceis, e sempre o assunto da seca que vinha de novo. Às vezes, ouvi risos também, e percebi que nas mãos humanas mora uma tristeza alegre, uma esperança teimosa que sobrevive mesmo no chão rachado.

Depois, chegamos em uma fiação, uma fábrica, cheia de máquinas, que me torciam, daí fui linha, fui fuso e até fui enredo entre as mãos das operárias. Na fiação, minha primeira forma se perdeu e tornei-me fio longo, bruto, capaz de dobrar-se sem quebrar, e foi ali que atentei meu primeiro segredo: o corpo muda, mas a memória das mãos que me tocaram não se apaga. Vieram outras mãos depois, que me limparam, me torceram, me fiaram. Mãos femininas, na maior parte do tempo, que sabem transformar silêncio em fio, e então perdi novamente a forma e ganhei alongamentos, tornando-me um novelo de barbante de histórias enroladas.

Precisava continuar a viagem, e então em um grande caminhão fui levado e vi que íamos em uma estrada de Peluguns ou Peregún, planta sagrada que me indicava então o caminho. O caminho era até o Rio de Janeiro, descobri ao chegar. Mas preciso falar sobre meu encontro com essa planta que afasta os Eguns, pela força de Iansã.

A folha crescia ereta, apontando para cima, sustentando um eixo invisível entre a terra e o alto. Não se espalhava e não se oferecia facilmente, só permanecia e não era apenas planta, era passagem, pois seu corpo ligava Òrun (céu) ao Aiyé (terra) sem precisar nomear essa ligação. Bastava estar ali, dizendo que é folha ancestral, que viu a humanidade crescer, que carrega uma memória mais antiga do que as mãos que agora me seguravam. Ao tocar suas folhas, senti que como barbante também posso guardar histórias que não vivi, mas que atravessaram minhas gerações passadas, meu repertório ancestral. Não como aviso moral, mas como lembrança de que certas matérias exigem respeito, e o Peregún não se deixa usar sem consequência, pois ele observa e mede o gesto. Chamam-

no também de *ewé gún*, folha que alcança as alturas, talvez por isso, ao seu lado, senti meu corpo de novelo se alinhar, pois algodão é planta de Oxalá.

O Peregún limpa não arrancando, mas afastando o que pesa, o que contamina o ar e o corpo, sua proteção não é barulho, é permanência. Ao passar por ele, levei comigo uma espécie de resíduo invisível que não era só um cheiro, não uma marca, mas uma orientação. Soube que ele acompanha ritos antigos, momentos de feitura, assentamentos, passagens decisivas, e que dialoga com Ogum, com o ferro e seu corte preciso. Não com a violência, mas com a coragem que sustenta a direção, e ao sair dali ele, o Peregún, não me transformou de imediato, mas me reposicionou, e isso foi o suficiente, mais à frente talvez quem me vê ou ler vai imaginar o quanto.

Ao chegar ao Rio de Janeiro, não fui direto para uma casa, mas antes, fui exposto em uma loja de aviamentos, estendido em prateleiras altas, enfileirado entre outros novelos, observando o movimento de gente que entrava e saía. A loja cheirava a tecido novo, a poeira antiga, a promessa de utilidade, e várias mãos passavam por mim sem me escolher, onde algumas me apertavam para testar a firmeza, outras me devolviam rápido, sem olhar, entendi que ser visto não é o mesmo que ser levado ou valorizado por alguém.

O balcão separava mundos: De um lado, quem comprava; do outro, quem media, cortava, calculava. Escutei conversas sobre preços, sobre o que dava ou não para levar, e fiquei tempo suficiente para perceber que nem todo fio encontra destino de imediato. Quando finalmente fui escolhido, não houve cerimônia. Fui enrolado, colocado numa sacola, misturado a pequenos objetos e a caminhada continuava, agora dobrada e quase que sufocado.

Vim parar numa casa de alvenaria simples, na cidade Maravilhosa, não era casa grande, nem silenciosa. Havia ruídos constantes, rádio baixo, passos curtos, panela no fogo, e num canto de armário, fui guardado junto a outros fios, linhas coloridas, botões e tesouras de costura. A mulher que me colocou ali falava pouco, mas suas mãos, no entanto, falavam muito. Cada gesto tinha precisão, economia, cuidado, numa costura feita no silêncio que também é uma forma de contar histórias. Eu era um barbante, mas existiam ali novelos de linhas coloridas, que ela usava primeiro para consertar um pano rasgado, uma calça ou vestido que não tinha jogado fora ou fazer costuras rápidas como bainhas, acho que me achava grosseiro para roupas por vezes finas. Mas um dia, fui

chamado para amarrar um embrulho de aniversário, uma boneca feita com sobras de tecido.

Passei a viver em uma caixinha dentro de uma gaveta, não era abandono, acho que era mais uma suspensão. Gavetas guardam coisas, e no escuro, escutei a casa de longe: passos, portas, respirações. Quando a gaveta se abria, e me retiravam da caixinha avaliavam meu peso, minha utilidade, e quase sempre me devolviam ao escuro.

Um dia, mãos mais jovens me escolheram, eram curiosas e menos precisas, e não sabiam exatamente para que eu serviria, e talvez por isso me levaram, saí da gaveta, da casa, daquele tempo parado e voltei a andarilhar. Essas mãos me levaram para uma escola onde descobri que elas davam aula, eram mãos de um professor, então meu corpo começou a se esticar, a se gastar, e cada vez que me desenrolavam, eu perdia a forma redonda, mas ganhava desvios, nós, irregularidades.

Me usou primeiro para marcar o espaço. “Daqui pra cá.” “Daqui pra lá.” E comecei a passar por outras mãos, que me levavam também para suas casas, alternando com quem eu ficava, cada semana com alguém. Viajei dobrado em mochilas e sacolas, em ônibus, estradas, balanços, corpos cansados que me carregavam, onde alguns vinham de lugares próximos, outros vinham de mais longe, e eu seguia porque andarilhar já não era identidade, era condição para mim.

O bendito professor era neto da mulher que costurava, descobri sua história de ouvi-lo contar para algumas pessoas, e não era uma dessas histórias que explicam escolhas ou justificam caminhos, descobri que ele também tinha vindo do Ceará, o que me fez interessar pela narrativa. Queria saber por que ele havia vindo parar ali. Uma vez contou-a inteira para um amigo, ele me segurava, eu barbante, brincando comigo entre suas mãos como uma cama de gato, e como se medisse o peso do que ia dizer, começou devagar.

Disse que o que lhe trouxe foi uma ausência, e que sua mãe cearense tinha vindo morar no Rio de Janeiro há muito tempo com sua família, e por aqui se casou, teve seu primeiro filho, e quando engravidou do segundo, o perdeu, soubera que seria uma menina na verdade. A perda não veio só em forma de ruptura, mas como tristeza que se instala no corpo e não vai embora. Um dia, em casa, ela recebeu um recado simples: alguém queria falar com ela, e não era visita comum, era a cabocla Jurema, que estava em um terreiro de umbanda na baixada fluminense, onde a mãe morava também.

No terreiro, contou ele, não houve rodeios, pois a entidade perguntou se ela queria ter outro filho, e a resposta veio sem hesitação: “SIM”. Então ouviu o que não esperava: “ali, naquela terra, ela não teria mais filhos, então precisava ir embora”. Sua mãe perguntou como faria isso. Não tinha plano, nem saída. A resposta foi curta: “Eu ajudo.” Pouco tempo depois, o marido, seu pai, recebeu uma proposta de trabalho no Ceará, então foram para o chão antigo de onde a avó do professor nascera também, e nove meses e dez dias depois de pisarem ali, nascia um menino.

O professor contou que esse menino, Ele, cresceu no Ceará, mas parecia sempre em deslocamento. A família sempre veio algumas vezes para o Sudeste, em temporadas, como quem ensaia uma travessia, iam e voltavam. Até que, já adulto, decidiu atravessar sozinho. Não foi fuga, disse ele, foi o cumprimento de algo que o chamava, parte da família acabou vindo novamente em seguida. Aqui, encontrou um caminho dentro da espiritualidade afro-brasileira, um modo de escutar o mundo e de se firmar, que acabou fincando seus pés na cidade maravilhosa, talvez por isso nunca tenha voltado de vez, ficando nem cá, nem lá, não sendo nem de lá nem de cá, hibrido.

Enquanto ele falava, eu sentia meu corpo de barbante se acomodar melhor em suas mãos, algumas histórias não explicam destinos, mas apenas revelam que certos caminhos começam antes mesmo do primeiro passo, pois há travessias que não escolhemos, elas nos escolhem, e esperam. Percebi que aquela travessia não era só dele, aquilo me interpelava, havia algo ali que me dizia respeito, um caminho que começa antes do corpo, uma decisão que não se toma sozinho. Enquanto ele falava, eu entendia que também carregava destinos que não escolhi, mas que me atravessavam.

Foi então que compreendi que eu não poderia mais permanecer inteiro, e que para seguir, precisava aceitar ser tocado, misturado, transformado, e não bastava guardar histórias. Era preciso permitir que elas deixassem marcas no meu corpo de fio, e cada objeto, cada encontro, cada mão que viesse depois não seria um acaso, mas uma continuação desse mesmo movimento de escuta.

Decidi, então, me oferecer às outras histórias daqueles outros que me carregavam para lá e para cá em suas mochilas e bolsas, não como quem se entrega ao uso, mas como quem aceita o risco do encontro. Eu seguiria sendo afetado pelas coisas pequenas, pelo que parecia banal ou esquecido, porque aprendi ali, com a história do professor, que caminhar não é apenas avançar no espaço, é deixar que o mundo nos atravesse, fio por fio.

Como num jogo, parei e decidi entender quem eram os objetos e corpos que com suas mãos me tocaram, em minha travessia, e que irei contar agora.

Primeiro percebi Isabelita, nome engraçado, de boneca, não sei dizer na verdade se era pessoa, boneca ou memória. Sei que ali fui tocado com cuidado e distância ao mesmo tempo, não era para brincar, era para vigiar, para proteger algo que não se dizia, fiquei mais atento depois disso. Foi com Isabelita que aprendi a deslizar, pois ela não andava: bailava no chão, como um tango argentino e seus patins riscavam o espaço como quem escreve sem papel, deixando marcas que logo desapareciam, eu fui amarrado ao seu pulso, não para prendê-la, mas para acompanhá-la. Cada giro me esticava um pouco, sendo que havia algo no modo como Isabelita ocupava o espaço que me deslocava por dentro. Seu corpo não obedecia a expectativas, inventava caminhos, caía e se levantava sem pedir permissão. Ao segui-la, senti que um fio de barbante também pode desejar outros desenhos, e desejos. Que o gesto de amar não precisa repetir formas conhecidas, e que algumas descobertas não chegam como certeza, mas como abertura, como um campo novo onde o corpo reconhece que pode sentir o diferente.

Quando me soltou, eu já não era o mesmo fio, pois havia em mim uma leve torção, uma memória de movimento que não se desfaz, e Isabelita seguiu em frente, patinando para fora do meu alcance. Eu fiquei estendido no chão, sabendo que certos encontros não se explicam, mas apenas ampliam o modo de estar no mundo, o amor possui formas, e várias formas diferentes, que valem todas a pena, ou nos criam opacidades.

Certa vez, fui colocado sobre uma mesa, junto a outros objetos, onde encostei num frasco de talco, que tinha cheiro de cuidado, de rosas, de tentativa de permanência de lembranças do passado. Ai, um gesto antigo de proteger o corpo do atrito do mundo! Levei esse cheiro comigo por muito tempo. Em outro momento já fui passado por dedos que haviam se quebrado, dedos que aprenderam novamente a se alinhar, que não me puxaram, que me sustentaram, desde então, sei ceder antes de romper.

Depois, fui colocado dentro de caixas que guardavam outras caixas, e dentro delas, pedras lisas, trazidas pela água. Algumas eram pedras de amor, outras de sonhos, algumas pedras falsas, outras duras que machucavam e comecei a aceitar que algumas coisas não se abrem logo de uma vez, e que o primeiro amor é o que sentimos por nós mesmos.

Descobri em uma casa exótica de um aluno excêntrico (mais uma opacidade!), um papo de tucano, nem sabia que os tucanos tinham papo, ele me falou que já fora um manto igual ao manto Tupinambá. Entre povos indígenas do litoral e do Norte do Brasil, as penas de tucano sempre carregaram valor simbólico, associadas à comunicação, à palavra que atravessa mundos, ao trânsito entre o humano e o não humano. O bico, exagerado, colorido, quase impossível, ensinava que a forma também fala, e ao encontrá-lo, percebi que ali a matéria não servia apenas para adornar: ela participava de uma cosmologia em que corpo, animal e espírito não estavam separados. Ele que me falou também do manto Tupinambá que fora tecido com penas, sobretudo vermelhas, de guará e fibras vegetais, esses mantos não eram roupas comuns. Eram corpos cerimoniais, usados por lideranças em rituais específicos, carregados de prestígio, ancestralidade e função política. Chamado de *assojaba*, o manto não representava um indivíduo, mas um povo inteiro em relação com seus ancestrais e com o território. Muitos foram arrancados de suas comunidades desde o período colonial e levados para a Europa, onde permaneceram por séculos como objetos de coleção, desligados de sua função viva.

Suas penas guardavam travessias que não foram escolha, então reconheci ali um parentesco estranho: também ele havia sido levado, dobrado, reinscrito em outros usos. Ao tocar aquele tecido de penas, entendi que certos materiais continuam falando porque ainda não foram plenamente escutados, porque o manto não pedia apenas retorno, mas atenção ética, não exigia tradução, mas presença. Ao me afastar, carreguei comigo esse aprendizado, de que há fios que ligam histórias muito antes de se tornarem visíveis, alguns atravessam séculos, corpos e territórios, outros, mais frágeis, aprendem a escutar com eles.

Rolei em outro dia junto a uma tampinha de cerveja, dessas que ficam no chão depois da festa, “Cacildes”, dizia. Riso áspero, popular, vi que nem tudo que sobra é descartável. Em outro momento fui colocado perto de dentes. Uma coleção de dentes? Estranhamento, mexe com minha opacidade! Tempo arrancado do corpo, guardado como memória dura. Me falaram de uma fada dos dentes, que não surgiu de uma única história, ela veio de muitas, e antes de ganhar asas delicadas, era apenas o gesto de guardar o que cai do corpo quando o crescimento dói. Em algumas culturas antigas, dentes de leite eram enterrados, queimados, lançados aos telhados ou entregues aos animais, como forma de assegurar proteção, continuidade, sorte, o dente nunca foi lixo, era parte da gente

carregado de futuro.

Quando em outro momento encontrei a fada, ela não sorriu, apenas recolhia com cuidado o que já não servia ao corpo, mas ainda pulsava memória. Seus dedos eram leves, quase clínicos, e não levava o dente para apagar a perda, mas para marcá-la. A troca não era prêmio, era rito, pois algo saía do corpo para que outra forma nova pudesse crescer. Os dentes, alinhados em coleção, guardavam idades, quedas, sangramentos pequenos demais para virar trauma, grandes demais para serem esquecidos. A fada não devolvia o que levava, mas em troca, deixava apenas a autorização silenciosa para seguir adiante, mesmo faltando algo, pois gente, algumas travessias só começam com a perda de uma parte que acreditávamos essencial. Lembrei que no Ceará era costume amarrar um barbante no dente mole e outro na maçaneta da porta, e ao batê-la, perder aquele dente. É crescer também, é aprender a perder e que mesmo na violência certos pedaços de nós, quando cuidados, continuam contando histórias.

Encontrei também um coité que não foi comprado, nem encontrado por acaso, mas foi plantado, esperado, colhido da planta da cabaça, decorado com o tempo. Quando me aproximei, não houve pressa pois o coité não apareceu de repente. A cabaça crescendo no pé, amadurecendo sem pressa, acompanhando o ritmo das chuvas e das ausências. Quando finalmente se tornou objeto, já carregava em si mais tempo do que forma. Senti que ali estavam muitas mulheres, eram mãos femininas que plantaram, colheram, abriram, secaram, decoraram; mãos que aprenderam com outras mãos. O coité não pertencia a ninguém sozinho, é uma herança em circulação, em que cada desenho gravado em sua superfície não era ornamento, mas memória partilhada, gesto repetido até virar saber. O coité não me pediu utilidade, pois servia para carregar, guardar, alimentar. O coité sustentava vínculos invisíveis, mantendo juntas histórias que poderiam se perder. E eu, barbante, acostumado a tensionar e a ligar, ali aprendi a repousar.

Quando me afastei, levei comigo outra noção de ancestralidade; não como passado fixo, mas como prática contínua. O coité me mostrou que tradição não é o que se conserva intacto, mas o que se transmite com cuidado. E que certas travessias só se fizeram quando muitas mulheres no caso seguiram andando juntas, mesmo que seus nomes não sejam ditos.

Outras muitas mãos me encontraram, algumas macias, outras tremidas, outras firmes como tronco de árvore, cada toque deixava em mim uma história, e algumas

histórias eram doloridas, outras, ternas. Eu nem sempre escolhi as mãos que me tocariam, mas aprendi a escutá-las, e com o tempo, fui ficando gasto, desfiado, minhas fibras começaram a se abrir como um corpo cansado. Mas foi nesse desgaste que encontrei outra força, a de perceber que não sou herói de nenhuma narrativa antes de mim, não tenho começo glorioso nem fim triunfante, pois sou feito daquilo que me atravessa.

O professor que me pôs a andar se dizia ator também, ele também viera do Nordeste; o sotaque dele ainda ecoa na estrada da minha vida, porque ele também sabia o que era ser arrancado da terra e andar por aí como quem carrega um pedaço de chão no peito. Nós dois andávamos, cada um à sua maneira, ele com o corpo, eu com o fio.

Com o tempo, aprendi a falhar, mas agora falhando com consciência, com categoria. Fui remendado e emendado com outros fios, então já não era um, era mistura, e cada emenda trazia outra espessura, outra cor, e não havia como voltar ao estado inicial, nem vontade. Nasci no sertão, mas logo comecei a andar, passando de mão em mão e fui para o sul, para a cidade, para a escola, para os palcos improvisados, para as malas dos que andam com pouco. Um sujeito me levou na mochila sem saber que eu carregava comigo toda a terra vermelha de onde vim. Ele me usava nos ensaios, amarrava cenários, demarcava espaços. Eu observava, silencioso, a cena nascer em volta, e era como se minhas fibras se tornassem veias do espaço, marcando os caminhos, delineando gestos.

Hoje, quando alguém me segura, não ofereço origem clara, ofereço camadas. Se me puxam demais, arrebento, se me escutam, sustento. As mãos aprendem isso comigo, e eu aprendo com elas. Não sei onde vou parar, talvez nem deva parar. Posso virar fragmento, resto, fio esquecido no canto de uma sala, enrolado no pé de uma cadeira, guardado outra vez numa gaveta. Posso me misturar a outros fios e seguir diferente. Um dia, fui usado para demarcar um espaço cênico, uma travessia imaginária, já brincaram até de pular corda comigo. Eu, que fora planta, agora era brinquedo, fronteira, marca, enredo.

Com tantas passagens, meu corpo começou a guardar tensões, e certos pontos nunca mais voltaram ao lugar, outros ficaram frouxos demais. Não era defeito, era registro, e com isso o barbante também tem repertório, que guarda no desgaste, na torção, na diferença entre um trecho e outro. Comecei a entender que não existe forma final, e o que existe é adaptação, e que sustentar não é o mesmo que aguentar, às vezes, sustentar é ceder um pouco para não desaparecer.

Já fui algodão, linha, novelo, costura, corda, marca, travessia. Fui amarrado a corpos, a objetos, a histórias que não me pertencem por inteiro, e em cada mão deixei algo. De cada mão levei outra coisa, pois não caminho sozinho. Caminho no gesto de quem me toca, caminho no tempo que insiste, caminho mesmo quando não me movo. Se ainda houver mãos: mãos secas, mãos tremidas, mãos teimosas não chegarei a um fim, apenas continuarei. Nas mãos que me criaram e recriaram, existe um mundo, com sua ecologia, e não são uma rede de fios, mas de afetos, tempos e escutas. Cada história que me atravessou e atravessa se torna húmus, se mistura ao solo, me faz outra coisa.

Depois da história de vida que o professor me contou, que me interpelou, algo permaneceu em suspensão, não a sequência dos fatos, mas o sentido mais fundo daquela travessia que começara antes mesmo dele existir. Desde então, passei a entender que nem todo caminho começa onde acreditamos estar decidindo. Alguns se anunciam antes, em vozes que atravessam gerações, em partidas que não são fuga, em permanências que não se planejam. Talvez por isso eu continue andando aceitando encontros, suportando transformações. Porque certas travessias não pedem respostas, mas pedem escuta. Para ele a vinda para o Rio de Janeiro não foi vindo, foi volta, foi busca.

Não sei onde vou parar, de repente posso até virar fragmento e parte de uma instalação artística contemporânea. Posso ser queimado e voltar a pó. Posso me desfazer em pedaços e continuar em outros corpos. Posso atravessar gerações, como atravesso dedos, virando um Encantado em um ritual de Jurema. Sou um novelo andarilho, feito de histórias que não me pertencem por inteiro, feito de silêncios que ninguém ouviu, feito de falhas, de rugas, de nós, muitos nós que as vozes e mãos que me trouxeram do Nordeste foram aprendendo a desenlaçar. E enquanto houver mãos para me tocar, mãos secas, mãos tremidas, mãos teimosas, continuarei andarilhando.

Referências da disciplina

BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo**: crítica da violência ética. Tradução Rogério Bettoni. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

HALBERSTAM, Jack. **A arte queer do fracasso**. Tradução de Bhuvi Libânio. Recife: Cepe, 2020.

HARAWAY, Donna. **Ficar com o problema**: fazer parentes no chthluceno. São Paulo: n-1 edições, 2023.

LE GUIN, Ursula K. The carrier bag theory of fiction. *In*: LE GUIN, Ursula K. **Dancing at the edge of the world**: thoughts on words, women, places. New York: Grove Press, 1989.

LE GUIN, Ursula K. **A teoria da bolsa da ficção**. Tradução de Luciana Chieregati e Vivian Chieregati Costa. Introdução de Juliana Fausto. Posfácio de Luciana Chieregati. São Paulo: n-1 edições, 2021.

PRECIADO, Paul B. **Eu sou o monstro que vos fala**: relatório para uma academia de psicanalistas. Tradução de Carla Rodrigues. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

RIBEIRO, Martha. Interromper o espetáculo: o gesto político e estético das emoções. **Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG**, [S. l.], v. 13, n. 27, p. 49 – 72, 2023. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistapos/article/view/41744. Acesso em: 07 mar. 2026.

TAYLOR, Diana. **O arquivo e o repertório**: performance e memória cultural nas Américas. Tradução de Eliana Lourenço de Lima Reis. Belo Horizonte: UFMG, 2013.

Submetido em: 7 mar. 2026
Aprovado em: 10 jul. 2026